Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Sejamos todos negacionistas? O problema do desencantamento e do habitus de ser e estar no mundo[1]

Are we all deniers? The problem of disenchantment and the habitus of being and being in the world

Marco Antônio de Oliveira Tessarotto

Palavras-chave: Negacionismo; Habitus; Desinformação; Vacinação; Práxis Freireana.

ABERTURA: CONTEXTUALIZAÇÃO DO CASO

Este trabalho parte de uma provocação criativa no título para refletir sobre o discurso negacionista e sua possível consolidação como *habitus*, no sentido bourdieusiano. A questão central é compreender como, no contexto pós-pandemia, formas silenciosas de desencantamento e de recusa do cuidado coletivo podem ter se incorporado às rotinas sociais e às maneiras de ser e estar no mundo (Gomes, 2006).

A inquietação surgiu em uma atividade realizada no componente História da Arte Moderna e Contemporânea, no curso de Cinema e Audiovisual da UFRB. Ao discutir arte, ciência e tecnologias, o docente propôs perguntas sobre: como produzir conhecimento e criação artística em um contexto marcado pelo negacionismo? Para interpretar os silêncios, as lacunas e os sentidos em disputa, recorreu-se ao método de Aníbal Ford (1999), centrado em indícios, inferências e abdução.

A pergunta-problema que orienta o estudo é a seguinte: o discurso negacionista adquiriu status de *habitus* no meio social brasileiro? Para tanto, busca-se compreender como a baixa cobertura vacinal contra a influenza entre os estudantes da UFRB em

[1]Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Cachoeira (BA) pode indicar um sintoma desse processo; bem como, analisar como o pós-crise do coronavírus favoreceu esse ambiente; e refletir como o processo abdutivo, refletido e articulado coletivamente, pode estimular uma práxis de transformação.

O texto apresenta indicativos de uma construção teórica e reflexiva "in progress" a partir de um exercício realizado em sala de aula, como será apresentado nos próximos tópicos.

INTRODUÇÃO: ARTICULANDO IDEIAS E INDÍCIOS INICIAIS

O relato de experiência articula reflexões sobre o discurso negacionista e sua possível conversão em *habitus* socialmente compartilhado. O referencial de Aníbal Ford (1999) oferece suporte para ler o caso a partir de indícios: no contexto analisado, o elevado adoecimento coletivo por síndromes gripais entre estudantes, docentes e comunidade acadêmica.

As inferências surgiram a partir de uma pergunta direta feita em sala, no dia 21 de maio de 2026: quantos estudantes haviam tomado a vacina da gripe? Entre 34 presentes, apenas três estudantes e o professor estavam imunizados. Embora aparentemente pontual, esse dado funciona como chave interpretativa para um fenômeno em curso no microcosmo universitário.

Diante do resultado, levantou-se a hipótese de que o negacionismo poderia ter adquirido o status de *habitus*. As reações dos estudantes foram as mais diversas, entre elas, o uso e mobilização da "teoria da cebola" ou das camadas[2] — revelara o que cada camada ocultava, entre elas surgiram afirmações da tipologia - "não professor, não existe a covid, agora é só uma gripezinha"; - "todo mundo vai pegar essas coisas, todo ano é assim" -. Essas justificativas, herdadas ou reatualizadas a partir de discursos difundidos na pandemia, podem indicar a permanência silenciosa de uma lógica

[2] A mobilização do discurso das camadas, ou teoria da cebola, busca desvelar o que há de mais profundo/interno. Em Lacan, o "eu" é formado por camadas de identificações e de linguagem. Uma das falas presentes foi: "Calma, professor, existem camadas para explicar isso?" — E quais são? "Eu não sabia" – desinformação; "Todo mundo vai pegar essa gripe" – imunidade de rebanho; "É uma gripezinha" – discurso negacionista. Ao revelar as camadas argumentativas que não se sustentam, revela-se o teor do modelo negacionista como habitus.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

negacionista. Interessa-nos perceber que o procedimento realizado dialoga com a formulação freiriana da práxis como ação-reflexão-ação: parte-se de um dado concreto, promove-se o confronto crítico com esse dado e busca-se desencadear uma resposta transformadora, sem que isso implique estender automaticamente essa leitura a outros contextos.

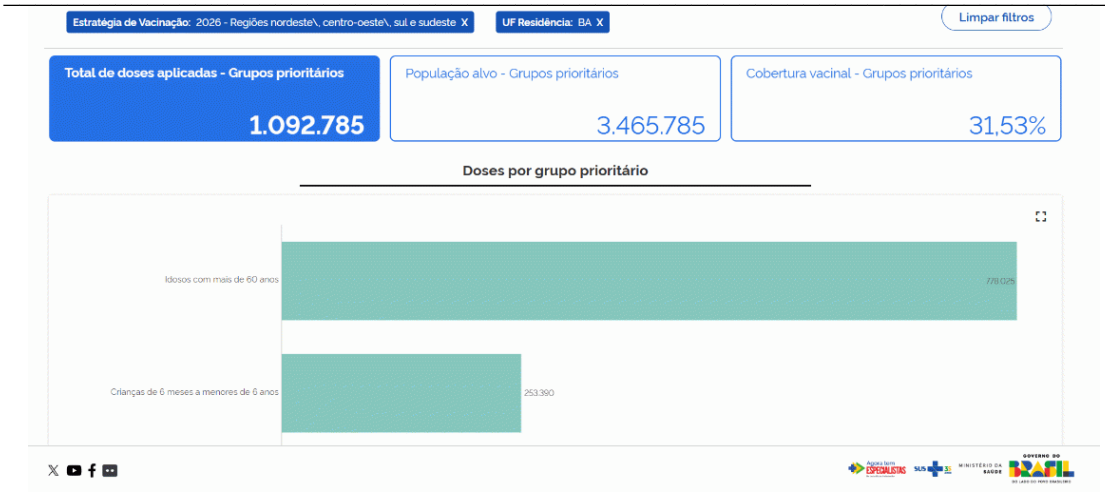
O exercício provocou estranhamento justamente por ocorrer em um curso associado a repertórios progressistas e grupos de autoafirmação identitária. Ainda assim, o confronto com o dado concreto — baixa imunização em meio ao adoecimento coletivo — permitiu explicitar contradições entre discurso crítico e práticas cotidianas de cuidado. Quando alguns estudantes alegaram que a campanha ainda estava restrita a grupos prioritários, a própria turma corrigiu a informação - na Bahia, a vacinação já estava aberta ao público geral, 25 dias antes do exercício em sala. O episódio sugere como a desinformação e a ausência de busca ativa por informação qualificada podem referendar esse *habitus* negacionista, não como adesão explícita a um projeto político, mas como um modo naturalizado e silencioso, partilhado socialmente.

REFERENCIAL TEÓRICO: DIÁLOGOS E PONTES DE COMPREENSÃO

Dados do Ministério da Saúde – MS (2026) indicam baixa cobertura vacinal contra a influenza em 2026. Na Bahia, com público-alvo de 3.465.785 pessoas entre os grupos prioritários, apenas 1.092.785 haviam sido vacinadas até a data consultada, o que corresponde a 31,53%, muito abaixo da meta oficial de 90%.

Figura 1 – Dados da cobertura vacinal de Influenza na Bahia

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)



Do autor, 2026. Dados extraídos em 24 de maio de 2026

Diante desse cenário, a Secretaria de Saúde da Bahia liberou a vacinação para todos os públicos, sem necessidade de agendamento. Ainda assim, a ausência de informação qualificada — ou de busca por ela — apareceu entre os estudantes como parte do problema, reforçando a ideia de camadas discursivas que sustentam, de forma silenciosa, esse habitus interiorizado e imperceptível.

O cantor Tom Zé, em 1968, escreveu uma canção intitulada “Sabor de Burrice”. Aqui, ela funciona como metáfora para mostrar que formas absurdas não pertencem a um único grupo ideológico, ela “não tem preconceito ou ideologia/anda na esquerda, anda na direita/não tem hora, não escolhe causa/e nada rejeita” (Tom Zé, 1968). O que interessa é compreender como, após a pandemia, a desinformação e a banalização do risco continuam afetando práticas cotidianas inclusive no espaço universitário.

Mais do que um episódio isolado, o negacionismo aparece como discurso adaptável, favorecido pelos circuitos digitais, pelo excesso de informação e pela desinformação. Nessa condição, negar deixa de ser apenas uma fala explícita e passa a operar como disposição incorporada, silenciosa e socialmente compartilhada. Nesse sentido, o conceito de *habitus*, em Bourdieu, ajuda a compreender a rejeição ao consenso factual e às práticas de proteção coletiva. O confronto com a realidade — pessoas adoecidas, circulação viral e baixa imunização — permite perceber, de forma

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

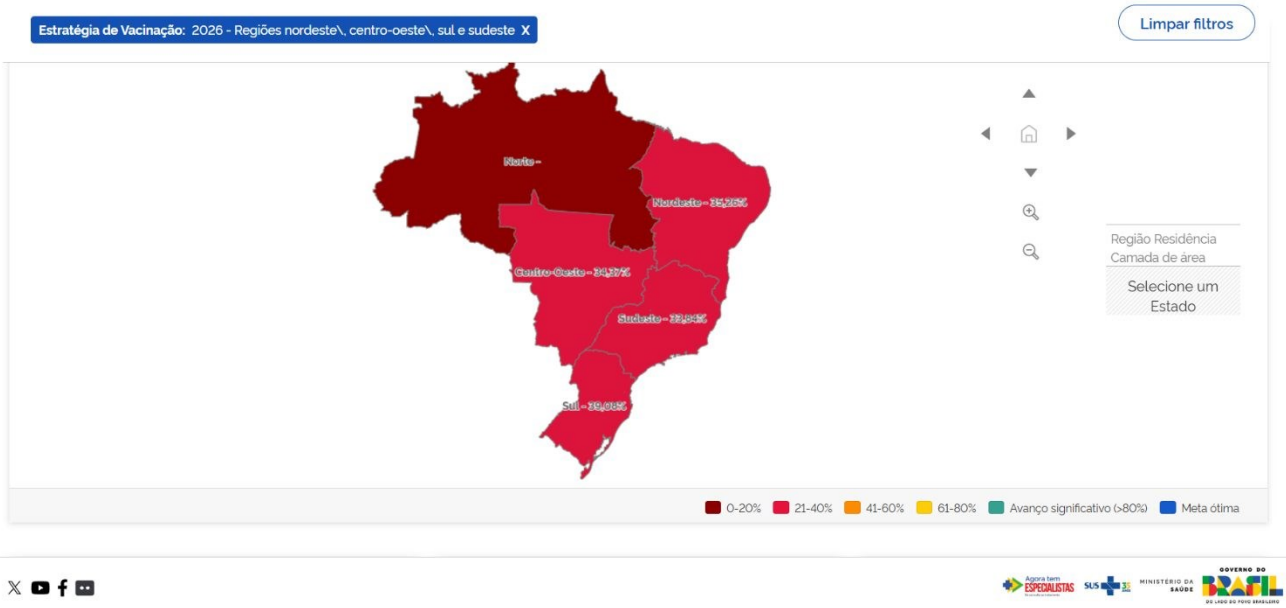
hipotética que, o negacionismo pode ter deixado de ser uma posição excepcional para tornar-se estrutura de percepção e ação em determinados contextos sociais.

Esse *habitus* negacionista é fluido e pode atravessar diferentes repertórios sociais. Sua força está justamente na incorporação às rotinas, às plataformas e aos modos de atenção, sem necessidade de verbalização (porta-vozes). Assim, a mediação algorítmica tende a reforçar bolhas de desinformação e a enfraquecer o vínculo entre percepção da realidade e responsabilidade coletiva. Nessa arquitetura digital, podem se consolidar disposições duráveis de recusa do cuidado e de naturalização do adoecimento coletivo. O problema, portanto, não é apenas informacional, mas ético e relacional: trata-se da dificuldade de reconhecer o outro e de agir em favor do bem comum.

Parte dos indivíduos observados nesse contexto, de forma aparentemente involuntária e inseridos nessas novas formas de "ser e estar" no mundo, parece ter desenvolvido disposições duráveis de rejeição à realidade factual — a exemplo do adoecimento coletivo, do não uso de equipamentos de proteção individual (máscaras) e, no caso de adoecimento, do não resguardo/descanso, o que tende a retroalimentar o ciclo viral, fenômeno já observado durante a pandemia. Parece-nos plausível que esse habitus negacionista esteja associado à manutenção técnica dessa bolha de desinformação circulante, aos seus ritmos objetivos (rotinas individuais) e à centralidade da cultura do "eu" e de sua performatização, que tende a invalidar o "ver", o pensar e o refletir sobre o cuidado com o outro.

Figura 02 – Quadro nacional de cobertura vacinal (Influenza, 2026)

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)



Ministério da Saúde, 2026. Dados extraídos em 24 de maio de 2026.
Cobertura vacinal, Região Nordeste (35,26%); Região Sul (39,08%)
Fonte: Do autor, 2026.

Os dados nacionais do Ministério da Saúde, extraídos em 24 de maio de 2026, mostram cobertura vacinal ainda baixa, com diferenças regionais entre Nordeste e Sul. Mais do que hierarquizar regiões, essas diferenças nos índices sugerem uma hipótese a ser explorada em estudos futuros: a de que um negacionismo mais prático e explícito (Sul) possa ter cedido lugar, em outros contextos, a formas mais internalizadas e silenciosas de recusa à imunização (Nordeste).

Nesse cenário, a pedagogia de Paulo Freire (2019) oferece um contraponto decisivo. Ao articular ação, reflexão e nova ação, a práxis possibilita desnaturalizar automatismos, romper com a passividade do “não agir” e recolocar o cuidado coletivo como prática concreta.

A provocação freiriana, mobilizada em sala de aula, também exige coerência entre discursos críticos e ações efetivas. No contexto universitário, isso significa transformar repertórios teóricos em atitudes voltadas à saúde coletiva, ao cuidado mútuo e ao bem comum.

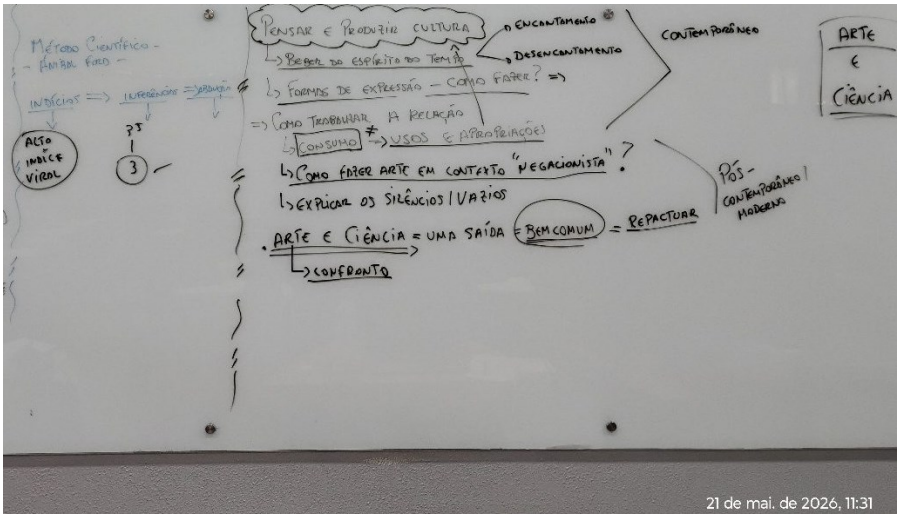
METODOLOGIA

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

O estudo de caso ocorreu em 21 de maio de 2026, no curso de Cinema e Audiovisual do CAHL/UFRB, durante o componente História da Arte Moderna e Contemporânea. Participaram 34 pessoas: 31 estudantes, um professor, um profissional de apoio e um acompanhante. Entre os presentes, apenas três estudantes e o professor haviam tomado a vacina contra a influenza, totalizando 11,8% de imunizados.

A coleta desse dado em sala ocorreu de forma direta e não probabilística, por meio de pergunta oral feita pelo docente-mediador aos presentes, com registro imediato das respostas por contagem de mãos levantadas. Não houve, portanto, aplicação de questionário estruturado ou de instrumento previamente validado: trata-se de um levantamento informal e situado, cujo valor está menos na representatividade estatística do que na função de disparador de reflexão coletiva em sala de aula. Esse cuidado metodológico é relevante para não se estender e transpor, de maneira automática, o resultado observado nessa turma específica a outros contextos universitários ou sociais.

Figura 03 – Quadro da atividade e exercício proposto



Do autor, 2026. Fotografia realizada em 21 de maio de 2026.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Os dados oficiais do Ministério da Saúde foram obtidos por meio de consulta direta às plataformas públicas de monitoramento da campanha de vacinação contra a influenza (BRASIL, 2026), acessadas em 24 de maio de 2026. O procedimento de coleta consistiu no registro, por meio de capturas de tela, dos painéis de cobertura vacinal ali disponibilizados, referentes à Bahia e ao conjunto do território nacional, posteriormente organizados nas Figuras 1 e 2 desse resumo. Esse procedimento de observação e registro de conteúdos publicados em ambientes digitais oficiais aproxima-se do que Polivanov (2013) descreve como perspectiva netnográfica, na medida em que toma dados originalmente produzidos e publicizados na internet como corpus empírico de análise, sem intervenção direta do pesquisador sobre sua produção; esses dados funcionaram, assim, como suporte empírico às inferências construídas a partir do episódio em sala de aula. A abordagem qualitativa (Richardson, 1999) orientou o tratamento desse conjunto de dados, buscando compreender a complexidade do problema a partir de indícios concretos, articulando descrição, interpretação e contexto, e não a produção de generalizações estatísticas.

O procedimento adotado aproxima-se da observação participativa e da pesquisa-ação (Gil, 2008), na medida em que o docente-mediador não apenas registrou o dado da baixa cobertura vacinal, mas atuou junto ao grupo, em tempo real, para problematizá-lo, provocando reflexão crítica e a discussão coletiva que também compõe o material analisado. Esse duplo movimento — de observação e de intervenção pedagógica — é o que aproxima o exercício de uma pesquisa-ação, guardadas as devidas proporções em relação a desenhos de pesquisa-ação mais sistematizados e de maior duração. Nessa chave, o conceito de *habitus* ajuda a explicar a reprodução de uma possível cegueira factual, enquanto a práxis freiriana oferece caminhos para sua ruptura por meio do confronto com a realidade e do estímulo à ação coletiva.

O conceito de habitus evocado a partir de Bourdieu (1989; 2007) ajuda a explicar o mecanismo de confinamento cognitivo e a possível reprodução dessa espécie de cegueira factual. A práxis de Freire (2019), da “ação-reflexão-ação”, oferece caminhos inteligíveis para a ruptura desse habitus negacionista, protegido por camadas discursivas que são desveladas pelas perguntas disparadoras/contextualizadoras que

promovem, em um primeiro plano, um choque com a realidade material (ação), sugerindo que esse esvaziamento e os índices irrisórios de cobertura nacional do Plano Nacional de Imunização podem, tentativamente, revelar estruturas internalizadas de um discurso que parece ter se fixado no tecido social, independente da posição política/partidária de cada leitura ou repertório adquirido. A reflexão-ação conduzida a partir do conceito de indícios, inferências e abdução pode contribuir para reverter, no sujeito, essa "tutela silenciosa da desinformação" que impede o olhar sensível e a prática do bem comum.

Cabe registrar, por fim, que este relato resulta de um único episódio de sala de aula, com amostra pequena e não probabilística, o que limita a generalização de suas conclusões. Os achados aqui discutidos devem ser lidos, portanto, como indícios e hipóteses interpretativas a serem aprofundados em estudos posteriores — inclusive com instrumentos de coleta mais sistemáticos e amostras mais amplas —, e não como evidência estatística e conclusiva sobre a extensão do negacionismo como *habitus* social.

Considerações

As considerações finais apontam para encaminhamentos. No exercício, o papel do educador-pesquisador é de acolhimento às reverberações do acontecimento e transformar o desconforto em reflexão crítica. Mais do que impor conclusões, o educador deve construir, com o grupo, caminhos de interpretação capazes de desmontar as "camadas da cebola" que protegem o negacionismo oculto/silencioso. Nesse processo, a hipótese abdutiva torna-se ferramenta pedagógica para produzir argumentos mais consistentes e orientar ações concretas. Entre os desdobramentos da atividade, destacou-se a proposta da turma em organizar um "vacinaço" nas semanas seguintes, sinalizando que a reflexão coletiva pode converter-se em prática transformadora.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estratégia de Vacinação Contra a Influenza – Residência**. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/SEIDIGI_DEMAS_ESTRATEGIA_INFLUENZA_RESIDENCIA/index.html?regiao=nacional. Acesso em 24 de maio de 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estratégia de vacinação contra a influenza nas regiões nordeste, centro-oeste, sul e sudeste**. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guias-e-manuais/2026/estrategia-de-vacinacao-contra-a-influenza-nas-regioes-nordeste-centro-oeste-sul-e-sudeste-2026.pdf, acesso em 24 de maio de 2026.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CNN Brasil. **Atlas: Flávio cai seis pontos e tem 41,8% contra 48,9% de Lula no 2º turno** | CNN NOVO DIA. Matéria exibida em 19 de mai. de 2026. Disponível em: https://youtu.be/jlrGCxlQnV0?si=SCxEZ2ENMGk5tDo6. Acesso em 26 maio 2026.

FORD, Aníbal. **La marca de la bestia**: identificación, desigualdades e infoentretenimiento en la sociedad contemporánea. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008, p.111.

GOMES, Pedro Gilberto. **Midiatização: um conceito, múltiplas vozes**. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. 2016;23(2). ISSN: 1415-0549. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495553927012, acesso em 26 maio de 2026.

POLIVANOV, Beatriz. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia?** Implicações dos conceitos em pesquisas qualitativas na Internet. Esferas, 2013.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas** / Roberto Jarry; colaboradores José Augusto de Souza Peres (et al.). – São Paulo: Atlas, 1999. Disponível em: https://doceru.com/doc/51xnx55. Acesso em 10 abr. de 2025

ZÉ, Tom. **Sabor de Burrice**. In: Grande Liquidação. Brasil: Gapa Ltda.; Warner Chappell, 1968. Disponível em: https://youtu.be/kZd763x13gY?si=qJvbj-UOGffsbiYN. Acesso em 22 mai. 2026